

## A PRÁTICA DO EDUCADOR (A) COM A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO

**Paulo Cesar Soares de Oliveira**

Libras.paulo@hotmail.com

FACULDADE ALFREDO NASSER

**RESUMO:** A Educação Sexual se faz presente em todas as esferas, níveis e modelos de educação. Ao pensar em Educação Sexual podemos percebê-la nas unidades escolares, nos parâmetros e diretrizes, na formação inicial e continuada do professor, no meio acadêmico, e em níveis tanto presencial quanto à distância. O objetivo desse trabalho é a problematização da sexualidade, mais especificamente como temática das questões ligadas à Educação Sexual, e a sua relação do educador. Para isto tal trabalho bibliográfico se propõe discutir e conhecer os debates na contemporaneidade sobre a temática Educação Sexual com recorte para a sexualidade e entender o momento histórico em que vivemos. Para isso iremos nos debruçar em autores como Foucault (1993), Louro (2000, 2009), dentre outros e a legislação vigente como os PCNs.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Sexualidade, Prática escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual se faz presente em todas as esferas, níveis e modelos de educação. Ao pensar em Educação Sexual podemos percebê-la nas unidades escolares, nos parâmetros e diretrizes, na formação inicial e continuada do professor, no meio acadêmico, e em níveis tanto presencial quanto à distância. Portanto ela permeia todo o sistema educacional brasileiro.

Dentro da Educação Sexual a sexualidade se destaca como categoria importante de análise na contemporaneidade. A sexualidade humana está tão em voga que ultrapassa a esfera educacional e tem sido tema de debate em outras esferas que fazem interfase com a educação. Ela tem sido pensada e discutida em documentos internacionais, programas sociais, políticas públicas e movimentos sociais organizados, principalmente nas sociedades ocidentais. Podemos perceber também o grande interesse por essa temática em artigos impressos, televisivos e midiáticos, voltados a crianças, jovens e adultos. Não é exagero dizer que a sexualidade está na pauta do novo século, e parece ser a tendência cada vez mais ganhar espaço nos temas em debate no novo milênio.

---



É sabido que a Educação em toda a sua gama de níveis e modalidades, não é o único lugar onde o ato de educar acontece. Mas sem dúvida ainda é o *lócus* e a instituição privilegiada de produção e reprodução de conhecimento formal em nossa sociedade. Conforme as palavras de Freire (1979) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. O autor ainda coloca que a existência humana possui uma característica que lhe é singular, o núcleo que nos permite, caso haja esperança, que nosso processo educativo seja constante: o inacabamento ou a inconclusão do homem. Portanto nesse ambiente que tanto o professor quanto o aluno estão em processos de constante construção.

## **2 METODOLOGIA**

O objetivo desse trabalho foi a introdução e a problematização da sexualidade, mais especificamente como temática das questões ligadas à Educação Sexual, e a sua relação do educador.

A partir deste questionamento, estabeleceu-se para realização dessa pesquisa, como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que buscou nas referências bibliográficas o suporte teórico para entender sua realidade e os conflitos vivenciados na escola. O objetivo de tal trabalho bibliográfico é conhecer as discussões sobre a Educação Sexual e entender o momento histórico em que vivemos. Para isso iremos nos debruçar em autores como Foucault (1993), Louro (2000, 2009), dentre outros.

Segundo Triviños (2001, p.83), o estudo que pretende “obter generalidades, ideias predominantes, tendências que aparecem mais definidas entre as pessoas que participaram do estudo”, como é o objetivo dessa pesquisa. Acredita-se que a pesquisa qualitativa é a que melhor abarca a realidade deste objeto, uma vez que os pesquisadores tentarão analisar os dados em toda sua riqueza.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao analisar o contexto educacional, é possível observar que grande parte das pesquisas sobre sexualidade e educação mostra que as instituições escolares, por meio de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação tanto de crianças, quanto de jovens. No entanto, Louro (1997) esclarece que a escola é um espaço de criação de distinção, um espaço que educa os corpos de acordo com



seu gênero, sua classe, sua raça. Segundo Louro, a escola diferencia o que se espera de meninos e de meninas, direcionando as brincadeiras, assim como definindo quais são as atitudes e os comportamentos permitidos e esperados para cada aluno.

Assim como o papel da escola vem sendo desconstruído, também a ação da escola em disciplinar e normatizar os alunos também tem sido foco de estudos. A sua atuação diversa e sistemática sobre os corpos dos alunos, por mais que se queira negar, pode ser percebida como uma preocupação constante na prática escolar.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entram distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. ( LOURO, 1997, p.57)

Por isso percebemos nas práticas escolares o controle diário dos corpos, esses são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados reprovados, categorizados, corrigidos, forçados, reforçados, adaptados. Sem dúvida a escola é o espaço singular que possibilita acompanhar bebês crianças, jovens e adultos em todas as suas fases de desenvolvimento físico, emocional, intelectual e por não dizer também sexual e da sexualidade.

A escola, ao longo da história, ao mesmo tempo em que negou seu interesse na sexualidade, dela se ocupou. As instituições escolares constituíram, nas sociedades urbanas, em instâncias privilegiadas de formação de identidades de gênero e sexuais, com padrões claramente estabelecidos, regulamentos e legislações capazes de separar, ordenar e normalizar cada um e a todos. Por muitos anos, mesmo afirmando que essa dimensão da educação dos sujeitos cabia prioritariamente à família, as escolas preocuparam-se, cotidianamente, com a vigilância da sexualidade de seus meninos e meninas. Não restam dúvidas de que houve muitas transformações nas formas de exercício dessa vigilância e regulação, mas a escola continua sendo, hoje, um espaço importante de produção dessas identidades (LOURO, 1999, p. 40)

LOURO (2000, p.10) descreve que há um processo de escolarização do corpo que a autora denomina como a pedagogia da sexualidade, essa vem “demonstrando como a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura.” Essa pedagogia sutil tem uma forte influência no aprendizado subjetivo dos alunos. Tais aprendizados são repassados no ritmo, no compasso, na disposição física, na postura algo que não é ensinado parece não precisar de explanação teórica, mas tácita visibilizadas, mas com capacidade de



“penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades "escolarizadas".” (LOURO, 1997, p.57).

Tal pedagogia produz padrões nos gestos, e atitudes, significados são determinados no espaço escolar e incorporados por alunos, e tal aprendizado são internalizados e marcam sua materialização nos corpos de meninos e meninas. E como observa (LOURO, 1997, p.61) e no espaço escolar que tais sentidos são produzidos,

[...] Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.

Compete, nesse ponto da discussão, indagar: por que se importar com tudo isso? Por que observar a construção das diferenças? A resposta pode ser que tais perguntas poderá trazer à tona maneiras diferentes de enxergar os embates vivenciados dentro dos muros da escola, pode ser que as questões envoltas com a sexualidade nos faça perceber essa instituição em outra perspectiva.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na verdade o que se pode perceber de tais considerações e que a sexualidade e as questões de gênero estão presentes na escola mesmo não sendo contempladas como disciplina no currículo oficial, e mesmo quando não são implementada por um programa ou projeto de Educação Sexual. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes, por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições.

Com certeza ao perguntamos porque pensar em Educação Sexual na escola reafirma uma das proposições fundamentais de tal temática: porque esse é um campo político, ou seja, porque na instituição das diferenças estão implicadas relações de poder.

Educação para a sexualidade? Ou seria educação da sexualidade? Ou educação em sexualidade? Ou seria o termo educação sexual o mais propício? Como estes termos “educação para a sexualidade”, “educação da sexualidade”; “educação sexual”, entre outros,



ganham sentidos em práticas discursivas nas relações de saber-poder? Como esses enunciados constituem práticas e constituem sujeitos? Como poderíamos inventar e reinventar esses conceitos e (re)inventar nessa relação? Qual a relação entre educação e ensino de... quando envolve a questão da sexualidade? Qual seria o propósito ou o despropósito da educação para a sexualidade? Que objetivos priorizamos em práticas sistematizadas? Como avaliamos, ou não, se os objetivos foram atingidos? A falta de uma padronização da terminologia básica e de uma posição teórica mais clara e objetiva quanto ao conceito Educação Sexual tem causado o uso de outras terminologias como sinônimas ou substitutas do termo citado anteriormente, entre eles, Orientação Sexual.

Acredito que o uso do termo educação sexual seja mais adequado, uma vez que abre espaço para que a pessoa seja sujeito ativo do processo de aprendizagem. E, mesmo porque hoje, o termo orientação sexual define mais a expressão sexual de cada indivíduo, referindo-se a questão da homossexualidade e heterossexualidade.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- \_\_\_\_\_. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Documento Introdutório. Versão Preliminar. Brasília: MEC/SEF, nov/1995.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997. 10 volumes.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998. 10 volumes.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FOUCAULT, Michel **História da sexualidade**. v. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Corpo, escola e identidade". **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2000.
- \_\_\_\_\_.Lopes.Pedagogias da sexualidade -07 In **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / Guacira C622 Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.